## Volume II

## Sexta Parte – 1

## Descobrindo parentescos em Renascimentos anteriores

Fui submetido a algum incômodo mesquinho por uma das autoridades da prisão, que me manteve acordado por um tempo depois de ter ido para a cama, assim, quando finalmente acordei em "Magna sed Apta", e deitado no meu sofá lá (com aquela sensação sempre renovada de voltar à vida no céu depois de minha rotina diária de trabalho em uma prisão terrena), eu tinha consciência de que Mary já estava lá, fazendo café, cuja fragrância enchia a sala, e cantarolando baixinho uma melodia enquanto trabalhava – uma melodia curiosa, original, mas muito bonita, que me encantou numa emoção indescritível, pois, eu nunca a tinha ouvido com o ouvido corporal físico, e ainda assim era tão familiar para mim como a música "Deus salve a Rainha"[1].

Enquanto ouvia extasiado e com os olhos fechados, cenas maravilhosas passaram diante da minha visão mental: a bela senhora de cabelos brancos dos meus sonhos infantis, levando uma *menininha* pela mão, e essa criança era eu; os pombos e sua torre, o riacho e o moinho d'água; o jovem de cabelos brancos com sapatos de salto vermelho; uma senhora muito fina, alta, robusta e de meia-idade, vestida magnificamente de seda bordada; um parque com gramados, becos e árvores recortadas com acabamentos; um

[1] N.T.: "God Save the Queen" é o hino nacional britânico.

castelo com torres – todos os tipos de cenas encantadoras e pessoas de outra época e de outro país.

“O que é essa melodia maravilhosa, Mary?”, exclamei, quando ela terminou.

“É minha música favorita”, respondeu ela; “Raramente a cantarolo, por medo de perder seu encanto. Suponho que seja por isso que você nunca tinha ouvido antes. Não é adorável? Tenho tentado lhe acalmar com ela.

“Meu avô, o violinista, costumava tocá-la com variações próprias e a tornou famoso em sua época; mas nunca foi publicada e agora está esquecida.

“Chama-se 'Le Chant du Triste Commensal' e foi composta por sua avó, uma bela francesa que também tocava violino; mas não como profissão. Ele se lembrava dela tocando quando ele era criança e ela já era uma senhora idosa, assim como me lembro *dele* tocando quando eu era uma menina em Viena, e ele um idoso de cabelos brancos. Ela costumava tocar segurando o violino para baixo, em direção ao joelho dela, ao que parece; e sempre tocava em perfeita afinação, exatamente cada nota, e com excelente gosto e expressão; foi quando ela estava tocando que ele decidiu começar sua carreira. Mas ela era como “Hamilton em seu único discurso”[2], pois essa foi a única coisa que ela compôs. O fez sob grande sofrimento profundo e pungente causado por ou como se fosse por luto e imensa excitação, logo depois que seu marido morreu decorrente de uma mordida de lobo, e pouco antes do nascimento de suas filhas gêmeas – seus únicos filhos – uma das quais era minha bisavó”.

“E qual era o nome dessa maravilhosa senhora?”

“Gatienne Aubéry; ela se casou com um escudeiro bretão chamado Budes, que era um *cavalheiro vidreiro* perto de St. Prest, em Anjou – isto é, ele fazia vidro – decantadores, garrafas de água, copos, etc., imagino eu – apesar de sua nobreza. Não era considerado pejorativo fazê-lo; na verdade, era o único comércio permitido à nobreza, e era preciso ser, pelo menos, um escudeiro para fazê-lo.

---

[2] N.T.: O apelido de William Gerard Hamilton, Chanceler do Tesouro da Irlanda. Ele proferiu em 13 de novembro de 1775 um discurso que eletrizou a Casa, mas depois daquele primeiro esforço memorável, ele nunca mais falou.

“Ela era uma mulher muito notável, a bela *Verrière*, como era chamada; e ela administrou a fábrica de vidro por muitos anos, após a morte do seu marido, e ganhou muito dinheiro para as duas filhas”.

“Que estranho!”, eu exclamei; “Gatienne Aubéry! Dame du Brail — Budes — são nomes bastante familiares para mim. Mathurin Budes, Seigneur de Monhoudéard et de Verny le Moustier”.

“Sim, é isso. Que maravilha, você deveria saber! Uma das filhas, Jeanne, casou-se com meu bisavô, um oficial do exército húngaro; e Seraskier, o violinista, era seu único filho. A outra (tão parecida com a irmã que somente sua mãe poderia distingui-las) se chamava Anne, e se casou com certo Conde de Bois”.

“Boismorinel. Ora, todos esses nomes estão na minha família também. Meu pai, nas manhãs de domingo, costumava me fazer pintar seus braços e quartéis quando eu era criança para me manter quieto. Talvez sejamos parentes de sangue, você e eu”.

“Oh, isso seria muito adorável!”, disse Mary. “Eu me pergunto, como poderíamos descobrir? Você não tem documentos de família?”

*Eu*. “Havia muitos deles, em um baú forrado de crina de cavalo, mas não sei onde estão agora. De que adiantaria os papéis da família para mim? Ibbetson se encarregou deles quando mudei meu nome. Suponho que seus advogados os tenham”.

*Ela*. “Pensamento feliz; vamos viver sem advogados. Vamos dar uma volta em sua velha casa e fazer Gogo pintar os quartéis novamente para nós, e olhar por cima de seus ombros”.

De fato, feliz pensamento! Tomamos nosso café e fomos direto para minha antiga casa, com o desejo (imediatamente “o pai dos fatos”) de que Gogo estivesse ali, mais uma vez engajado em sua realização de pintar brasões em armas, que há muito tempo foi esquecida.

Era uma bela manhã de domingo e encontramos Gogo trabalhando, arduamente, em uma pequena mesa perto de uma janela aberta. O chão estava coberto de velhas escrituras, pergaminhos e papéis de família; e o lindo Pasquier, em outra mesa,

mergulhado em seu próprio pedigree fazendo anotações na margem – uma ocupação que lhe agradava – e inconscientemente, cantarolando enquanto fazia. A sala ensolarada foi preenchida com o som suave e penetrante de sua voz, como um conservatório é preenchido com o perfume de suas flores.

*Os Brasões de Pasquier*

Pela mais estranha incoerência, meu querido pai, um genuíno republicano de coração (apesar de toda a lealdade fantasiada ao lírio branco dos Bourbons), um aspirante a cientista que, na realidade, estava muito mais impressionado por um mecânico francês inteligente e trabalhador do que por um príncipe (e, creio eu, teria preferido a amizade do que a sociedade do primeiro) e, ainda, ambos tiveram tanto prazer quanto orgulho por seus antigos pergaminhos pitorescos e quartéis obscuros. Eu também teria, talvez, se

as coisas tivessem acontecido de forma diferente comigo – pois o verdadeiro democrata, por mais intolerante que seja tal fraqueza nos outros, jamais pensa levianamente em suas próprias reivindicações pessoais de descendência aristocrática, por mais sombrias que sejam!

Ele gostava muito de provérbios e aforismos como “a nobreza obriga”, “droga, pode mentir”, “cão de caça de boa raça”, etc., e até inventou um pequeno aforismo próprio para confortá-lo, quando ele estivesse extremamente duro, “o bom cavalheiro nunca se envergonha da miséria”. Todos esses ditados, para lhe fazer justiça, ele se reservava exclusivamente para consumo doméstico, e teria sido o primeiro a gargalhar ao ouvi-los na boca de qualquer outra pessoa.

De seu único grande presente, o tesouro em sua garganta, ele não pensava absolutamente nada.

“O que há sobre nós?”

Gogo estava colorindo os quartéis da família Pasquier – a casa de Pasquier, como era chamado – em um livro impresso (Armorial Général du Maine et de l'Anjou), de acordo com as instruções fornecidas abaixo. Ele usou uma das caixas de aquarela de Madame Liard e as cores deixaram muito a desejar.

Olhamos por cima do ombro e lemos o jargão antigo e pitoresco, que parece ainda mais bonito, mais reconfortante e mais idiota em francês do que em inglês. A sequência era assim: -

“Pasquier (ramo dos Senhores de la Marière et du Hirel), grupo de 4 peças e cortado em 2.

“Para o primeiro, de Hérault, que é pouco dividido em roxo vivo e prata.

“Para os dois, de Budes, que é de ouro no pinheiro verde.

“Aos três, de Aubéry – que é azul a três crescentes de prata.

Aos quatro, de Busson, que é prata em lyon de areia reforçada e definhado com ouro”, e assim por diante, através dos outros quartéis: Bigot, Epinay, Malestroit, Mathefelon. E,

finalmente, “No geral, de Pasquier que é ouro com três lyons de azul, ao franco bairro desmembrado dos reinos de Castela e Leão”.

Logo minha mãe voltou da capela inglesa da rua Marboeuf, onde havia estado com Sarah, a empregada inglesa. O almoço foi anunciado e ficamos sozinhos com os papéis da família. Com infinitas precauções, por medo de obscurecer o sonho, fomos capazes de encontrar o que queríamos encontrar – ou seja, que éramos os tataranetos e os únicos possíveis descendentes vivos de Gatienne, o belo vidreiro e compositor de “Le Chant du Triste Commensal”.

Assim é a descendência:

Jean Aubéry, Seigneur do Brail, casou-se com Anne Busson. Sua filha, Gatienne Aubéry, Dame do Brail, casou-se com Mathurin Budes, Seigneur de Verny o Moustier e de Monhoudéard.

Anne Budes, Dame de Verny o Brail e Moustier, casado com Guy Herault, Comte de Boismorinel.

Jeanne Budes, Dame du de Monhoudeard, casado com Ulric Seraskier.

Jeanne Frangoise Herault de Bois-morinel casado com Francois Pasquier de la Mariere.

Otto Seraskier, violinista, casado com Teresa Pulci.

Jean Pasquier de la Mariere casado com Catharine Ibbetson-Biddulph.

Johann Seraskier, INI.D., casado com Laura Desmond.

Pierre Pasquier de la Mariere (aliás Peter Ibbetson, convicto)

Mary Seraskier, Duquesa das Torres